

A PRIMEIRA DÉCADA DE ENSINO DO PARTO NA ESCOLA ENFERMAGEM DA UFRGS: OS ANOS 50

Ana Carla dos Santos Fischer Pruss¹

Ana Lucia de Lourenzi Bonilha²

Márcia Rejane Strapasson³

Jéssica Machado Teles⁴

Decs: História da Enfermagem, Ensino, Enfermagem Obstétrica

Área temática: História da Enfermagem

Modalidade: Comunicação Coordenada

INTRODUÇÃO: No Brasil, a educação formal de parteiras teve início no século XIX, nas escolas médicas. A partir da década de 1950, as escolas de enfermagem passaram a oferecer a formação em enfermagem obstétrica, como um ramo da enfermagem, seja no âmbito da graduação, ou como uma modalidade de pós-graduação, concedendo o título de especialista em enfermagem obstétrica. Até o final da década de 60, no Rio Grande do Sul, o partear no ambiente hospitalar era uma atividade da enfermeira, passando a ser uma atividade predominantemente médica a partir dos anos 70, quando as enfermeiras se afastaram das ações específicas do momento da parturição¹. O ensino obstétrico em Porto Alegre, RS, teve início em 1897 com o curso de formação de parteiras, que, ao longo de sua existência, recebeu diferentes denominações: Curso de Partos (1897-1899), Curso de Obstetrícia (1900-1932) e Curso de Enfermagem Obstétrica (1933-1951). O Curso de Enfermagem Obstétrica não era de nível superior no que se refere às suas exigências de ingresso e estava vinculado à cátedra de Medicina Obstétrica e Ginecologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A Escola de Enfermagem da UFRGS criada em 1950 foi a primeira escola de graduação em enfermagem pública no estado. Ao historiar-se a formação dos enfermeiros nesta proposta de pesquisa, busca-se a compreensão da identidade profissional, além do registro da memória de um período em que havia uma formação específica na graduação para o atendimento à parturição. Na literatura científica nacional há escassa produção científica sobre o ensino do parto, a maior parte desta produção é referente ao ensino do parto nos cursos de especialização em enfermagem obstétrica, indicando uma lacuna na literatura quanto ao ensino do parto nos cursos de graduação de enfermagem. **OBJETIVO:** conhecer o ensino de graduação para alunos de enfermagem, durante a sua primeira década - os anos 50, em uma escola pública relativo ao atendimento das mulheres no parto. **DESCRIÇÃO METODOLÓGICA:** Trata-se de um recorte da pesquisa intitulada: O Ensino de Graduação em Enfermagem na Gestaçã, Parto e Nascimento para alunos de escola pública nas décadas de 1950 a 1980. Esta pesquisa qualitativa caracteriza-se como pesquisa histórica que permite

1- Enfermeira. Especialista em Enfermagem Obstétrica e Neonatal. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PPGENF UFRGS). Enfermeira Assistencial do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Integrante do GEMBE (Grupo de Estudos da Saúde da Mulher e do Bebê).

2- Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Titular da Escola de Enfermagem da UFRGS. Integrante do GEMBE. Email: bonilha.ana@gmail.com

3- Enfermeira. Especialista em Enfermagem Obstétrica e MBA. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PPGENF UFRGS). Integrante do GEMBE.

4- Acadêmica de Enfermagem da UFRGS. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPQ. Integrante do GEMBE.

dar respostas aos questionamentos de eventos já ocorridos que podem trazer luz sobre práticas ou condutas atuais, identificando-as, explicando-os ou mostrando suas tendências². A presente pesquisa apoia-se no referencial da Nova História, e se utiliza da história oral e da análise documental para atingir seus objetivos^{3, 4}. A coleta de dados da pesquisa foi realizada por meio de entrevistas e pela análise de documentos relativos às disciplinas ofertadas, na década de 50. Na perspectiva da história oral, os participantes do estudo são denominados de colaboradores. Assim são colaboradores do estudo alunos de graduação de enfermagem da Escola de Enfermagem da UFRGS na década de 1950. A pesquisa foi analisada pela Comissão de Pesquisa da Escola de Enfermagem da UFRGS (COMPESQ/EEenf) e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS (Nº 20637/2011). Os colaboradores foram contatados a partir de uma listagem de alunos fornecida pelo Centro de Memória da EEUFRGS e que ao serem contatados consentiram em participar da pesquisa. No momento da entrevista fez-se a leitura do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e os colaboradores assinaram o mesmo. As entrevistas foram gravadas em MP3 Player e após transcritas. Estas transcrições serão mantidas com as pesquisadoras por cinco anos. Os documentos consultados foram os registros das aulas ministradas, em fichas do tipo escritório, nas quais constavam conteúdo ministrado, duração da aula e nome e titulação do professor. **RESULTADOS:** Os dados indicam na primeira década do ensino que havia apenas alunas no curso de graduação em enfermagem. Não há registros de alunos do sexo masculino neste período. As alunas de graduação realizavam o atendimento à mulher e ao recém-nascido no momento da parturição em ambiente hospitalar. Estava previsto um número mínimo de quatro atendimentos ao parto por cada aluna. O modelo de ensino era tecnicista, mas não prescindia do conhecimento científico com base na fisiologia. As aulas teóricas foram ministradas por enfermeiras, professoras da Escola de Enfermagem e médicos, professores da Faculdade de Medicina. Os recursos para o ensino se baseavam em livros da área médica e da enfermagem editados fora do Brasil. A docente da área obstétrica possuía capacitação nesta área, tendo realizado curso fora do Brasil, no Canadá. Local em que a enfermeira tinha atuação direta no período expulsivo durante a parturição. Os estágios eram realizados na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, este era o único local de prática hospitalar para os alunos de graduação da área saúde, tanto da área médica, quanto de enfermagem. Havia um grande número de partos nesta instituição, portanto, em função deste fato não havia disputa entre os alunos das áreas de enfermagem e medicina para prestar o atendimento às mulheres no momento da parturição. **CONCLUSÃO:** Conclui-se que nesta década de ensino (1950) os alunos da Escola de Enfermagem da UFRGS participavam ativamente do atendimento à mulher durante o parto inclusive no período expulsivo. Além disso, os alunos tinham a oportunidade de acompanhar o recém-nascido e a mulher após a alta hospitalar em sua comunidade, dando assim continuidade ao atendimento prestado ao binômio no momento da parturição. **IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA DE ENFERMAGEM:** O atendimento à mulher no parto e no nascimento do seu filho é estabelecido como competência do enfermeiro na legislação do exercício profissional⁵. Porém o que se observa na prática profissional e na formação dos enfermeiros é uma ausência de sua atuação nestes espaços. Os resultados da pesquisa indicaram a existência de um espaço único para a formação destes profissionais, com atuação direta das alunas de graduação em enfermagem na parturição. As informações obtidas podem contribuir para a reflexão da reinserção de parturição nos espaços de formação dos profissionais enfermeiros, e para a consequente retomada de modelos de parturição menos intervencionistas.

REFERENCIAS:

- 1.ROCHA, T.A.; BONILHA, A. L. L. Formação das enfermeiras para a parturição: implantação de um hospital universitário na década de 80. **Revista de Enfermagem Escola Anna Nery, Rio de Janeiro, 12 (4), p. 651-657, 2008.**
- 2.POLIT, D.F. **Fundamentos de Pesquisa em Enfermagem: métodos, avaliação e utilização.** 5.Ed. Porto Alegre: Artmed; 2004. 487p.

3. ALBERTI, V. **O acervo de história oral do CPDOC: trajetória de sua constituição. Rio de Janeiro: CPDOC, 1998. 18f**
4. BURKE, P. **A Escrita da História. São Paulo: Editora UNESP, 1992, 360pp.**
5. BRASIL. Lei n. 7.498/86, de 25 de junho de 1986: dispõe sobre a regulamentação do exercício da enfermagem e dá outras providências. **Diário oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, Seção 1, p. 9271-75, 26 jun. 1986.**